

A escrita de Vilém Flusser ¹

Eugénio Lacerda

Dou graças ao deus das línguas que permitiu o fenómeno Guimarães Rosa como que para provar de forma prática as minhas teorias.²

Gente como Kitley, Bohringer, Baudrillard, Derrida (e eu próprio) procuram elaborar os critérios para orientarmo-nos em tal 'cultura imaterial', 'pós-histórica', 'informática', e sobretudo para captarmos o sentido de 'belo' depois da bancarrota dos valores ditos 'modernos'" ³

O seu método era, para recorrer a Otávio Paz: "arrancar las máscaras de la fantasia, clavar una pica en el centro sensible: provocar lá eruption". Este método era compatível com o "chamar" centrífugo a intuição poética que expande a matéria prima do pensamento e com o "conversar" centrípeto que, por meio da crítica, consolida o campo da dúvida.⁴

Tendo mergulhado em leituras dos textos de Vilém Flusser, assim como sobre sua vida, participando de colóquios, visitando seus biógrafos, comentadores, pesquisadores, editores e conversando com pessoas que conviveram com ele no Brasil e na Europa, apresento as primeiras impressões desta frequentação e devo dizer que o legado de Flusser é, numa palavra, o de um acervo notável de inquietações filosóficas, de extrema atualidade. Diante delas, sou um leitor-visitante, de modo que as palavras a seguir estão longe das de um especialista, assim como não incidirão em crítica filosófica *stricto sensu* e sim, palavras de um antropólogo que procura sinalizar as pegadas de Flusser, nas entrelinhas de seus escritos.

Parece-me que a reflexão filosófica de Flusser não deve ser subestimada em sua expressividade, sua escrita. Tal expressividade diz muito quanto aos conceitos que desenvolve, mas não é em nome de um certo teoricismo, essencialismo ou abstracionismo conceitual que devemos secundarizar sua textualidade, porque sem esta imaginação, suas ideias filosóficas não fariam sentido.

O pensamento flusseriano é um trabalho de escritura. É um pensamento que depende de um tipo de produção de linguagem, que se faz na sua própria

expressão. Ele não existiria se não fosse expresso dessa maneira. Saber em Flusser é poder expressar. Trata-se de um autor a ser descoberto, dado ser profícuo, polifônico e ambivalente.

Ao final deste mergulho em Flusser devo dizer que fui tomado pela mesma atmosfera nômade, pendulando entre um certo pessimismo filosófico schopenhaueriano e a esperança quase-religiosa de um novo humanismo. Em outras palavras, dizendo à maneira flusseriana, passei a habitar aquelas zonas limítrofes entre a ordem e o caos, estas zonas onde habitam os futuros pontífices, novos atores, urgentes, que para o filósofo, eram necessários na construção de pontes entre universos, espaços e linguagens.

FLUSSER, ESCRITOR

Neste relato, não pretendo adentrar em reflexão sobre os conceitos, as teses, as especulações e os postulados filosóficos de Flusser, nem mesmo acerca de seus diagnósticos de época ou os prognósticos acerca do futuro. Quanto aos temas flusserianos, sabemos que as ideias do filósofo e as sendas abertas por ele, são tão instigantes e estimulantes quanto necessariamente localizadas em sua época e também para além dela. Tais sendas reportam, como legado do filósofo: (a) sua ontologia linguística ou, prefiro dizer, as suas ontologias da linguagem, eixo inaugural de seu pensamento; e (b) a sua crítica da modernidade, na busca por um novo humanismo na sociedade de tecnoimagens.

Assim, tal como ensina uma boa antropologia, parto da premissa de que para investigar com propriedade a produção filosófica, cabe como regra geral, proceder as devidas exegeses de contexto, submetendo o autor e suas ideias ao crivo crítico qualificado. Não é meu alvo aqui, ficando eu mesmo devendo a mim maior esforço a tal empreitada. Meu alvo não é o texto flusseriano em si, mas o subtexto. Digamos que estou interessado, muito mais na "forma mentis" de Flusser, do que na discussão dos resultados das suas investigações filosóficas. Tenho interesse permanente nas confluências entre história e biografia quando se trata de refletir sobre o itinerário de um pensador.

O tema que me traz, remete à autoralidade ⁵ e à escrita – relativamente ao que chamamos de as formas literárias da filosofia. É tema tão antigo quanto a própria

filosofia, desde quando Platão valeu-se da alegoria da caverna e escreveu seus diálogos; desde que Epicuro escreveu suas Cartas e Sêneca, as suas Meditações. Atravessa o tempo com as Confissões de Santo Agostinho, os Ensaios de Michel de Montaigne, os Aforismos de Nietzsche. Chega até nós pelos sermões do Padre Vieira, pela clareza e cortesia de um Ortega y Gasset, e, naturalmente, pelas ficções filosóficas de Vilém Flusser.

Aquilo que foi chamado por Abraham Moles como a "fantasia metafórica" de Flusser, marca a sua força de enunciação ou o jogo fecundo de elipses, alegorias, fábulas, sátiras, metáforas, elusões e ironias, um jogo com atmosfera neobarroca em que nosso filósofo foi capaz de criar modelos inesperados de confluência e interpretação.

Pois bem, esta ficcionalidade engajada na textura dos escritos de Flusser, já foi apontada por diversos autores, de diversas gerações e matrizes - para citar alguns: Abraham Moles, Bento Prado Jr., Celso Lafer, Gustavo Bernardo Krause, Eva Batlickova, Erik Felinto, Luís Maffei, José Arthur Giannotti, Haroldo de Campos, Júlio Cabrera, Milton Vargas, Rainer Guldin, Rodrigo Duarte, Rodrigo Petrônio. Igualmente, é por demais conhecido o leque de contribuições deste pensador em vários campos do conhecimento e da história, as interações tecnológicas e o impacto delas na subjetividade, na intersubjetividade, no processo de hominização, enfim, na existência comunicacional das sociedades humanas.

A obra e a biografia de Vilém Flusser estão permeadas por um esforço quase obsessivo para tornar inteligível para si mesmo um mundo complexo e os vários mundos circundantes. Flusser é um pensador engajado nos dilemas do século XX. Escrevendo ao mesmo tempo em diversos idiomas (principalmente alemão, português e inglês), traduzindo-se a si mesmo, e publicando textos sobre assuntos tão diversos quanto design, fotografia, mídias eletrônicas, comunicação, telemática, estética, teoria da informação teoria da imagem, escrita, literatura, história, mitologia, filosofia da linguagem, ontologia e religião.

Segundo o historiador da arte Rafael Cardoso, em sua introdução ao livro O Mundo Codificado, cito:

“O texto de Flusser é dotado de um vigor sem paralelo nos estudos de design, mídia e comunicação. É claro, sucinto, livre de jargões e até de notas de rodapé, pelas quais detinha notória aversão. Trata-se de um escritor que seduz por sua simplicidade aparente na mesma medida em que impressiona por sua consistência, à prova das mais duras investidas críticas e de inúmeras leituras reiteradas. Isso é verdade especialmente com relação aos textos produzidos durante o último decênio de sua vida, quando a maestria de sua técnica como escritor aflora com maior impacto.” (2007:12).

O difícil enquadramento de Flusser nesta ou naquela única corrente filosófica, neste ou naquele corpo doutrinal, deve-se, a meu ver - e essa é uma tese a ser defendida - não propriamente às matrizes do pensamento filosófico que Flusser absorvia e se valia, à moda de um escritor livre, mas deve-se à atitude e à maestria no trato das palavras para pensar filosoficamente. Faz-me lembrar Flusser àquilo que Ortega y Gasset atribuía ao estilo de Georg Simmel como um "esquilo filosófico" ou, eu diria, um filósofo com pensamento nômade, por vezes babélico, repleto de narrativas deslizantes, deliberadamente circular, sem ser tautológico.

A razão dessa alma nômade, dessa ubiquidade, aponta diretamente para a própria biografia do filósofo: itinerante, a sua origem refugiada, a busca da liberdade, indo ao Brasil e saindo do Brasil também por pressões contra a liberdade. Penso que, além do fator biográfico, esse nomadismo do pensamento flusseriano está refletido no sabor da sua escrita, uma atitude inclinada para uma irrecusável liberdade autoral e ensaística. Não por acaso é digno de nota a capacidade do autor de explorar ao máximo toda a plasticidade e a dicção da língua portuguesa ⁶.

Por fim, devo notar, a influência de Flusser está viva e crescente nas salas universitárias brasileiras. Seus textos são lidos em cursos de comunicação, design, cinema, fotografia, filosofia, história, arquitetura, artes, ciências sociais e estudos culturais⁷.

Atualmente, sua obra vem sendo revisitada, editada, pesquisada em todo mundo e aqui faço destaque tal influência internacional em textos recentes do filósofo sul-coreano Byung Chul-Han ([2012] 2017:103), que vem teorizando sobre a atual sociedade do “enxame”, sua positividade tóxica pela hiperexposição e

máxima transparência do indivíduo, fenômenos que Flusser já identificava nos aparelhos e seus programas que transformam os indivíduos em seus “funcionários”. Tais fenômenos provocam a ruína dos antigos imperativos morais, providos de coração luminoso como queria Rousseau, mas agora rompidos pelos ventos que sopram da comunicação e da informação, antevistos pioneiramente por Vilém Flusser.

No cenário destas primeiras considerações, vamos pensar o que sucede quando atuamos num campo, por assim dizer, paralelo ao das filosofias que erguem sistemas, este campo que se constrói como tradição tratadista, totêmica, filosofia de continentes, canônica, instalada milenarmente como acervo exuberante da memória humana. Minha tentativa quer apenas fazer notar este lugar que o semiólogo Roland Barthes entendia como a procura de uma “responsabilidade da forma”, mirando em directo a escritura, a textura, algo que não cabe, *stricto sensu*, dentro dos termos das ciências da ideologia. Cito:

“As forças da liberdade que residem na literatura não dependem da pessoa civil, do engajamento político do escritor que, afinal, é apenas um “senhor” entre outros, nem mesmo do conteúdo doutrinal de sua obra, mas do trabalho de deslocamento que ele exerce sobre a língua” (Barthes, 1978:17)

Nesta sua famosa aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colege de France em 1977, Barthes diz que é por meio da escritura que o saber reflete incessantemente sobre si mesmo, segundo um discurso que não é mais epistemológico, mas dramático; enquanto para certo discurso da ciência, o saber é um enunciado, na escritura ele é uma enunciação, capaz de expor o lugar e a energia do sujeito e reconhecer nas palavras não mais simples instrumentos, mas lançadas como projeções, explosões, vibrações, maquinarias, sabores (idem, 21). Nesta seara, é que vislumbro a carga dramática das obras de Flusser - um autor que talvez tenha o perfil de um polímata, um designer de ideias ou, numa outra expressão cara aos antropólogos – sua obra pode ser observada como um convite (não impune) à investigação da idiomaticidade do discurso filosófico, e aqui ele é grávido de estilo. Esta aproximação conduz, a meu ver, à investigação do pensamento filosófico não dissociado do texto, o filósofo não dissociado do escritor, especulação não dissociada da imaginação, ou ainda a questão clássica das relações do ser com a linguagem.

Neste sentido, proponho avaliar na obra flusseriana as zonas cinzentas que o filósofo mencionava, situadas no campo de conversação entre as línguas ou entre a ciência, arte e a filosofia. Portanto, gostaria de pensá-lo não como filósofo que já o é mas como escritor, abrindo possibilidades que ensinam ao pensamento que a filosofia pode ser observada como escritura densa, feita de próprio punho, com coragem e rigor, fiel à escuta clássica, mas sensível a linguagem como ato constitutivo, criativo e não meramente ferramenta acessória ao saber.

DIMENSÕES LITERÁRIAS DA ESCRITA FLUSSERIANA

Os principais vetores da contribuição de Vilém Flusser como filósofo autoral, ou de como sua escritura foi capaz de comunicar ideias filosóficas de um modo original são, a meu ver, as quatro chaves de entrada para acessar todo o seu pensamento e que estão embebidas umas nas outras. São elas: (a) o ensaísmo; (b) a ficcionalidade; (c) a transcrição [ou intertextualidade]; e (d) a dialogicidade [ou reverberação].

O ensaísmo

O ensaio não foi para Flusser apenas um estilo literário. O ensaio era uma postura filosófica ⁸. Os romances, na geração anterior a de Flusser eram percebidos, no dizer do próprio Flusser, como janelas para o mundo que orientavam projetos de vida. O romance, por ser ficção, era um lugar privilegiado de produção de modelos da realidade e de comportamento. Entretanto, na contemporaneidade o romance está praticamente morto, no entendimento de Flusser, justamente porque o nosso conceito de realidade está abalado. O romance pressupõe uma realidade com a qual o seu enredo ficcional é comparado. Mas já que tal realidade se tornou problemática, nossa situação é outra. E qual seria para Flusser, a forma literária do futuro? A resposta é o ensaio. Em 1965, Flusser escreve ⁹:

[...] O ensaio não é simplesmente filosofia. É conscientemente “belas letras”, como antigamente se dizia. Sabe-se ficção, num significado curioso do termo. É por isto que está preocupado com a sua forma. Procura atingir o leitor da mesma forma como antigamente o atingia o romance. Procura englobar o leitor não somente pelas informações, mas ainda eticamente e esteticamente. Não se confunde com filosofia, porque não pretende a uma construção de modelos de realidade. Não se confunde com ciência, porque não almeja objetividade. Não se confunde com ficção, porque não se passa em camada ontológica própria que visa uma realidade aceita. Não se confunde com poesia, porque não é uma manipulação de palavras que visa apenas efeito estético da língua. Não é conto, porque não tem enredo no significado ficcional do termo. Mas em certo sentido é, também, tudo isto que neguei que seja. [...]

Em síntese, o ensaio é a tentativa de superar todas essas formas literárias e criar assim uma nova. Quase trinta anos depois, um texto em alemão, sem data, mas escrito provavelmente no final da década de 80 e registrado sob o documento 2526 nos Arquivos Flusser de Berlin, intitulado “Uma prática de linguagem”, Flusser diz ¹⁰:

“O ensaio não é uma forma somente híbrida, mas também ambivalente. É um discurso, mas de forma que nele sempre se procura provocar diálogos. Um fio fiado na solidão, cuja outra ponta fica balançando, podendo ser apanhado por outros e continuar a ser fiado. Por isso o ensaísta não se engaja tanto no tecido da língua, mas no tear, no qual os fios se juntam para serem entretecidos formando a conversa chamada de `cultura`”

Por outro lado, ao apresentar suas primeiras teses filosóficas, Flusser o faz não em textos rigorosos, usuais em epistemologia e ontologia, mas, em razão da forma ensaio, envolve as teses filosóficas em reverberações éticas, estéticas, existenciais e metafísicas. Resulta que a questão clássica da dúvida, por exemplo, não é, no texto flusseriano um problema meramente cognitivo, como o poderia na reflexão cartesiana, mas é apanhada em um encadeamento ao mesmo tempo argumentativo e narrativo. Como ressalta Júlio Cabrera ¹¹:

“Há um rigor do pensamento, mas também certa dramatização de conceitos, um suspense, uma procura vital, um desfecho doloroso e incerto e não propriamente uma 'conclusão lógica'. O texto é intencionalmente aporético, segue um fluxo vital inquieto e contrastante, bordeando o paradoxal”.

A forma ensaio libera Flusser do hermetismo e da erudição ostensiva e remissiva e se traduz em franca conversação com outros filósofos, os quais Flusser, em

vez de hospedar-se, hospeda-os em sua casa autoral. Como diz Celso Lafer no prefácio¹² o que escreveu ao Da Dúvida, texto que soa como um prólogo atemporal à obra:

"No trato teórico da língua em Da Dúvida estão presentes tanto Carnap e Wittgenstein quanto Heidegger e Sartre. Em Flusser, esta confluência se radicaliza na razão vital que é a maneira de Ortega y Gasset - que ele conhecia bem - uma razão de vida na dupla acepção de orientar nossa vida no mundo e conduzir-nos ao entendimento do mundo por meio de nossa vida "

No prefácio à primeira edição brasileira do livro que o projetou para o mundo, A Filosofia da Caixa Preta¹³, Flusser, demonstra sua preferência pelo trato ensaístico e o risco dele decorrente:

O presente ensaio é resumo de algumas conferências e aulas que pronunciei sobretudo na França e na Alemanha. Foram reunidas neste pequeno livro publicado em alemão em 1983. Para que se preserve seu caráter hipotético, o ensaio não citará trabalhos precedentes sobre temas vizinhos, nem conterá bibliografia. Espera assim criar atmosfera de abertura para campo virgem. A intenção que move este ensaio é contribuir para um diálogo filosófico sobre o aparelho em função do qual vive a atualidade, tomando por pretexto o tema fotografia. Submeto-o, pois, à apreciação do público brasileiro. Faço-o com esperança e com receio. Esperança, porque, ao contrário dos demais públicos que me lêem, sinto saber para quem estou falando; receio, por desconfiar da possibilidade de não encontrar reação crítica. Este prefácio se quer, pois, aceno aos amigos do outro lado do Atlântico e aos críticos da imprensa. Que me leiam e não me poupem.

O ensaio, por fim, é a forma que Flusser usa para abrir-se ao futuro desconhecido e revelar uma existência comprometida com o pensamento, com o desafio da visualidade e da taticidade num mundo pós humano.

A ficcionalidade

O ethos ficcional percorre toda a obra de Flusser. Há mesmo quem diga, como Erik Felinto¹⁴ que toda a obra de Flusser pode ser vista como uma fábula. Ao trabalhar a forma do texto, Flusser o in-forma ainda mais – por isso suas ficções estão entre seus textos mais ricos. Não obstante, as suas conhecidas fabulações literárias é preciso notar que elas não são meramente exercícios futuristas, mas basicamente um convite à conversação. Não devemos ver aí uma estética voluntarista, mas um convite ao diálogo entre gerações. Para Flusser, ficção é método narrativo que mira a visitação do intelecto.

Para percebê-lo como autor ficcional veja-se o ensaio minimalista *Do espelho* publicado em agosto de 1966, no suplemento literário do jornal *O Estado de São Paulo*. Ali, nosso filósofo vale-se do caleidoscópico, fornecendo ao leitor imagens fascinantes para sua tese ontológica, que articula língua e realidade. Por isso um outro nome muito apropriado para as ficções filosóficas de Flusser seria ficção especulativa – que é uma possível categoria em que podemos inserir a ficção científica, a ficção filosófica e a ficção teológica.

No entanto, um exemplo maduro do seu pensamento ficcional está impresso na obra de 1987, “*Vampirotheutis Infernalis*” - segundo Gustavo Bernardo, tecnicamente trata-se do único romance do filósofo - que é um caso muito bem elaborado de filosofia da ficção, elevada à máxima potência, na forma de uma fábula futurista. Em uma carta dirigida a Maria Lilia Leão¹⁵, a propósito do livro “*Ficções Filosóficas*”, Flusser comenta:

Quanto ao título ‘ficção filosófica’: há muito tempo estou com a ideia de que o tratado filosófico (texto alfanumérico sobre) não mais se adequa à situação da cultura; de que os filósofos acadêmicos são gente morta, e que a verdadeira filosofia atual é feita por gente como Fellini, os criadores de clips, ou os que sintetizam imagens. Mas como eu próprio sou prisioneiro do alfabeto, e como sou preso da vertigem filosófica, devo contentar-me em fazer textos que sejam pré-textos para imagens. A maneira de fazê-lo é escrever fábulas, por que o fabuloso é o limite do imaginável. Escrevi e publiquei uma fábula animal, *Vampyrotheutis Infernalis*, sobre a qual Abraham Moles escreveu que inicia método filosófico futuro, e meus ensaios não aparentemente fabulosos, na realidade se querem ficcionais.

Em outra carta endereçada à colega brasileira em 1983, Flusser dá a melhor pista para a compreensão de seu método e estilo¹⁶:

"Participo da desconfiança por analogias que tendem rapidamente a se transformar em metáforas, isto é, transferências de raciocínio adequado a um dado contexto para contexto inadequado. No entanto nada captaremos sem modelo. De modo que todo modelo deve, primeiro, procurar pescar o problema, e depois, procurar modificar-se, ou em certos casos, ser jogado fora. O dever de gente como nós é engajar-se contar a ideologização e em favor da dúvida diante do mundo, que de fato é complexo e não-simplificável. Engajamento difícil, por certo, mas nem por isso apolítico. Para nós a Pólis é a elite decisória e não a tal Massa".

A transcrição (ou intertextualidade)

O *Vampyrotheutis Infernalis*, foi escrito originalmente em alemão, mas foi objeto de outras versões em português e francês, operadas pelo próprio Flusser. Ao traduzir a obra ele usava a língua como uma maneira de mudar de posição ontológica porque esse era seu princípio e método, isto é a teoria da tradução como teoria do conhecimento.

Para Flusser, é traduzindo que a gente conhece. Ele vai aplicar esse princípio em suas obras, exercitando as diversas versões de um texto como transcrição de outro original, escrito em outra língua. Nessa operação, a transcrição, ou seja essa propriedade de alterar o lugar ôntico na medida da alteração do código linguístico, deriva da sua posição filosófica original, segundo a qual haveria tantas ontologias quanto línguas existissem. Essa ontologia múltipla e relacional constitui o cenário por onde verte a sua produção escrita, assim como suas especulações existenciais. Flusser desenvolveu a prática de auto tradução e retradução, traduzindo sistematicamente seus ensaios recorrendo às quatro das línguas que dominava: alemão, português, inglês e francês.

Rainer Guldin¹⁷ que estudou em detalhe o método de auto tradução e retradução de Flusser define muito bem o seu processo de escrita. Cito:

Essa prática o ajudava a ganhar um distanciamento crítico e uma abertura de novas perspectivas para o tema tratado. No texto “Retradução enquanto método de trabalho”, escrito em francês no começo dos anos 70 e não publicado, ele explica como a prática de auto tradução e retradução permitia que o mesmo tema fosse analisado e expresso sob diversos ângulos linguísticos, e que diversos ângulos de um mesmo objeto fossem agregados por meio da pluralidade oferecida pelas diferentes línguas. Flusser usou essa técnica como uma estrutura básica de sua prática multilíngue, transformando a impossibilidade da tradução, isto é, a intraduzibilidade fundamental das línguas, na verdadeira pré-condição da sua própria escrita. As discrepâncias entre as diferentes línguas são transformadas em um momento criativo, e o abismo que se deve atravessar durante a tradução assume um papel completamente novo: torna-se um local de encontro, iniciatório e inspirador, com as potencialidades residentes além das fronteiras da língua.

Guldin vê nesse método uma descentração da posição do autor, que é obrigado a “constantemente redefinir seu critério de fidelidade ao pensamento original”. Trata-se também de uma experiência de internalização do diálogo: é como se Flusser estabelecesse um diálogo com o “Outro” dentro de si mesmo. Flusser

vai explicar o seu método de autotradução e retradução em outro ensaio escrito em francês ¹⁸.

Para exemplificar, ele supõe um texto originalmente escrito em alemão e traduzido em seguida para o português. À medida que ele tenta reformular o texto na língua portuguesa, descobre que não só o seu pensamento muda como recebe o influxo de associações radicalmente diferentes. Embora ainda seja, em certo sentido, o mesmo pensamento, agora ele se refere a uma situação inscrita em um universo totalmente diferente do primeiro.

Para traduzir, Flusser descobre que não é suficiente recorrer ao texto inicial em alemão, mas que é também necessário retornar àquilo que inicialmente inspirou a redação do texto. Nesse processo, o texto é reformulado, mas de um modo que incorpora os passos anteriores. Como um palimpsesto, o texto em português conterà, de alguma forma, o texto alemão e as associações alemãs eliminadas de dentro dele pela necessidade de adequação à outra língua. Supondo que o processo de autotradução continue, o texto do português para o inglês, e do inglês para o francês e, por fim, o retraduzo para o alemão, a nova retradução para o alemão, dirá Flusser “diferirá radicalmente do primeiro texto”, porque “no segundo texto todas as outras línguas à minha disposição estão, de alguma forma, presentes e, assim, conferem a ele uma profundidade inexistente no texto original”

A dialogicidade (ou reverberação)

A perspectiva dialógica ou uma filosofia do diálogo atravessa toda obra, toda a vida intelectual, toda existência e caracteriza a atitude individual de Vilém Flusser. Influenciado na sua juventude por Martin Buber e Ortega Y Gasset, o primeiro por sua ética dialógica, no âmbito de uma antropologia filosófica e o segundo, por seu conceito de homem-massa além da linguagem tátil na abordagem do leitor, Flusser vai conduzir sua trajetória balizando, desde os primeiros escritos, uma forte distinção entre discurso e diálogo; uma constante existencial na procura do outro e a intertextualidade como prática de conversação.

Embora não haja espaço para desenvolver aqui, é importante registrar, com Eva Batlickova¹⁹ que esta influência já estava inscrita e expressa em seu primeiro escrito de 1936, uma peça de teatro, intitulada Saul. Flusser vai assinalar esta mesma influência em sua autobiografia filosófica *Bodenlos*²⁰.

Na conclusão de sua tese, a autora compreende o papel de Flusser. Cito:

No decorrer do século XX vários pensadores dedicaram suas carreiras a crítica do discurso objetivador das ciências, mas poucos foram capazes de criar alternativa para isso. Flusser conseguiu dar esse passo e oferecer uma forma diferente de pensar a filosofia ampliando suas fronteiras. Seu pensamento não é leal à tradição filosófica, ele é fiel à experiência humana e como ela se dá na condição do século XX. Para ele a filosofia é um meio do engajamento social. Filosofar significa estabelecer um diálogo com os outros e abrir-se aos novos discursos que estão por vir. Somente assim o pensamento filosófico conquista sua validade (2019: 147).

O LEGADO DE FLUSSER

Ao percorrer a trajetória de Flusser percebo o seu pensamento nascido visivelmente ao lado de Heidegger e Wittgenstein, Husserl e Ortega y Gasset, algo que pode ser notado em sua produção da fase brasileira. Este pensamento ganha potencialidade ainda no Brasil, num interessante paralelo, ainda por ser feito com a caixa de ferramentas de Michel Foucault. No segundo período, ao final de sua vida na Europa, nosso filósofo faz eco a reflexões contemporâneas de um Michel Serres, Jacques Derrida, Jean Luc Nancy e Peter Sloterdijk. Nota-se que no trato linguístico, no período brasileiro Flusser escreve primeiro em alemão; depois, amadurece suas ideias em português; e no período europeu, temos um pensador maduro escrevendo em francês.

Flusser deixou um legado exponencial para desenvolvimentos futuros em filosofia da ciência, filosofia da tecnologia, filosofia da comunicação, filosofia da imagem e do gesto, filosofia da literatura, do exílio e da liberdade, filosofia das realidades virtuais e do pós humano. Parece-me que devemos ler Flusser para além dele mesmo. Trata-se de um pensador humanista que anseia por um futuro, por um ser e um estar ambientados na antiga noção grega de *physis*. Filósofo do pós humano, creio que devemos colocá-lo em diálogo com a contemporaneidade, jogando Flusser contra ele mesmo. Seu impulso romântico,

o de unir o que foi separado é importante hoje: arte, ciência, música, logos, mitos, técnica. Poesia e ciência. Devemos tensionar o pensamento flusseriano para fertiliza-lo. Isso é Flusser.

Gostaria de propor um contraponto, adotando aqui Flusser como caso emblemático nos debates existentes no Brasil acerca da história, da recepção da cultura filosófica e da construção do chamado sistema filosófico brasileiro. Este debate - deficitário para alguns, quimérico para outros - sobre uma tal identidade brasileira no campo filosófico, identidade que estaria restrita a divulgação dos clássicos, comentários e exegeses. A trajetória de Flusser em terras brasileiras e o ambiente de sua recepção é boa para pensar os termos, a vicissitudes, as ambivalências e os anacronismos presentes neste debate ²¹.

Esta proposição já foi sugerida por Júlio Cabrera que escreveu o ensaio "Vilém Flusser como o ponto de ruptura do atual Sistema Brasileiro de Filosofia - acerca da obra Da Dúvida, texto impossível". Ao comentar a obra, Cabrera se propõe não a uma exegese, mas a "praticar com Flusser o estilo devorador" que o filósofo praticava quando conversava com outros pensadores. Inicia seu texto afirmando que as relações de Flusser com o hoje consolidado sistema filosófico brasileiro (que ele viu nascer), "oportuniza uma reflexão metafilosófica sobre o tipo de filosofia que estamos fazendo e o tipo de sociedade filosófica que ajudamos a construir". Essa oportunidade Cabrera vai aproveitar examinando o que chama de "contraste gritante entre a textura de um texto flusseriano e o tipo de textos filosóficos hoje aceitos como bons textos de filosofia ou como filosofia séria, competente e profissional dentro do atual sistema brasileiro de filosofia" (2018, p. 128).

Por quê Flusser me parece ser um caso paradigmático ou emblemático neste debate? Tal o é simplesmente, e não por acaso, porque o filósofo tcheco-brasileiro passou ao largo daquilo que Ivan Domingues denominou de "taylorismo acadêmico" e por ironia, devo acrescentar que o próprio autor, nas 561 páginas de seu monumental e brilhante estudo sobre a filosofia no Brasil não citou uma vez o nome de Vilém Flusser. A existência, a valorização, bem como a resistência a um pensamento autoral vai colocar Flusser no centro contexto histórico de produção e reprodução do Sistema Brasileiro de Filosofia.

Esta questão coloca em exame, de um lado, a maquinaria dos “tecotextos” chanceladas pelos processos institucionais de validação do conhecimento e de outro a dinâmica própria da autoralidade do pensamento. Na esteira do exercício tipológico de Domingues, Cabrera vai apontar três tipos de produções textuais dentro do sistema: a primeira o tipo exegetico ou texto comentário; um segundo tipo, um pouco mais, digamos, interpretativo, é o texto de acompanhamento ou seja que tem já uma certa apropriação dos autores clássicos, não deixando de abrir mão de exegeses e comentários sobre o que já está fixado na tradição; e um terceiro que é justamente o texto autoral.

É nesse último que Flusser se enquadra e com ele, pensadores tidos corriqueiramente como diletantes, autodidatas, improvisadores, filoneístas, em déficit de formação. Devo dizer que todo este debate traz, a meu ver, o ensejo de proporcionar e dirigir a nossa reflexão acerca do que nós temos chamado historicamente de “pensamento filosófico luso brasileiro” e quais caminhos se avizinham para o desenvolvimento e a renovação deste pensamento oceânico. Quanto a mim, e voltando ao debate que se dá hoje em dia em terras brasileiras, tal discussão será sempre viva se focada no ethos filosófico ou na cultura filosófica como experiência intelectual de alto valor na história política brasileira. Neste sentido, a resposta a questão de haver uma “filosofia no Brasil”, depende do espaço discursivo que a alimenta. Assim, a resposta poderá ser que a filosofia no Brasil tem um existência tardia, anacrônica, extemporânea, periférica recalçada, identitária, decolonial. De minha parte quem tem Cruz Costa e Lima Vaz, Vilém Flusser e Vicente Ferreira da Silva, Benedito Nunes e Bento Prado Júnior, Gilda de Mello e Souza e Marilena Chauí, Giannotti, Porchat e Paulo Arantes, além e Machado de Assis, Antônio Candido, Guimarães Rosa e Clarice Lispector, não precisa se debater ou debelar-se com problema.

Uma questão final: e se Flusser não tivesse reemigrado para Europa em 1972, onde passou a lidar com a realidade da massificação tecnológica e dos média? E se ele tivesse ficado no Brasil, o que teria acontecido? Às vésperas dos 100 anos do modernismo no Brasil, pergunto: teria Flusser virado ou revirado um novo macunaíma, um macunaíma sem chão, mas com caráter? Por onde continuaria sua reflexão filosófica? O que nos diria Flusser hoje? Sua fenomenologia do brasileiro teria guarida no século XXI?

NOTAS

¹ Este artigo foi escrito a partir de comunicação apresentada no XIII Colóquio Tobias Barreto de Filosofia, Lisboa, 5 de novembro de 2021. Publicado originalmente em Filosofia luso-brasileira : Silvestre Pinheiro Ferreira, Valém Flusser, Henrique de Lima Vaz, António Paim / XIII Colóquio Tobias Barreto ; org. António Braz Teixeira, Renato Epifânio. - 1ª ed. - Lisboa : MIL - Movimento Internacional Lusófono ; Linda-a-Velha : DG Edições, 2023.

² Flusser, Vilém. Sobre o poder da língua portuguesa. In: Da Religiosidade – A literatura e o senso de realidade. SP, Escrituras Editores, 2002, p. 161. A primeira edição foi publicada pelo Conselho Estadual de Cultura, São Paulo, 1967, p.148.

³ Carta de Vilém Flusser à Miguel Reale, 12 de fevereiro de 1991 arquivada em Vilém Flusser Archive, Berlim. Citada por Rafael Alonso em Engajamento Desterrado, a relação de Vilém Flusser com o Brasil. Revista Intexto, Porto Alegre, UFRGS, n. 51, p. 46-62, Edição Especial Dossiê Flusser: 100 anos. 2020. Disponível em <https://www.seer.ufrgs.br/intexto/article/download/103693/59535>

⁴ Celso Lafer e Da Dúvida. In: Vilém Flusser, Da Dúvida, 1ª ed. SP, É Realizações, 2018.

⁵ A autoralidade no sentido aqui, não propriamente, de autoria, mas referindo-se àquela presença original do pensador seja na criação, seja na textura de suas ideias.

⁶ A propósito, ver a coletânea Vilém Flusser: Ficções Filosóficas, apresentada por Milton Vargas, Edusp, 1998. São 35 ensaios, reunidos para atestar o valor ao mesmo tempo reflexivo, ensaístico e poético da escrita flusseriana. Ver também Rodrigo Petrónio, Um existencialismo mediado: Revista do Instituto Humanitas, Unisinos, n. 542, 2019, disponível em <http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/592987-um-existencialismo-mediado-entrevista-especial-com-rodrigopetronio>

⁷ A propósito, ver o dossiê alusivo aos 100 anos do filósofo na revista Intexto do Programa de Pós Graduação em Comunicação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, in <https://seer.ufrgs.br/intexto/issue/view/4212>; e o alcance mundial das pesquisas flusserianas retratada no recente VII Congresso Internacional de Comunicação e Cultura, ocorrido em setembro próximo passado em São Paulo, celebrando os 101 anos de Flusser, in <https://www.comcult.cisc.org.br/>.

⁸ Batlickova, Eva. A época brasileira de Vilém Flusser, SP, Annablume 2010, p.134-5.

⁹ Flusser, Vilém. Ensaaios. In: Ficções Filosóficas. SP, EDUSP, 1998, pag. 93.

¹⁰ O ensaísmo de Flusser aparece nos seus principais textos de ontologia e epistemologia: Língua e Realidade (publicado pela primeira vez em 1963), Da Dúvida (de 1967) e no ensaio primoroso “O Último Juízo: Gerações [(escrito em 1965-1966), mas apenas publicado em 2017 (SP, 1ª ed. É Realizações)]. Em carta a Celso Lafer, Flusser apresenta a obra “Gerações” como "um ensaio sobre o desenvolvimento do sentido da realidade no curso da idade moderna (...) uma história subjetiva da ontologia moderna". Em tais textos, Flusser parte da observação do pensar do ponto de vista das contingências linguísticas. A ontologia que o filósofo procurou renovar esteve ancorada em escavações acerca da natureza da linguagem como instância que nomeia os mundos. Resulta daí um pluralismo ontológico renovador já que haveria tantos mundos possíveis quantas línguas assim os nomeassem.

¹¹ Cabrera, Júlio. Vilém Flusser como ponto de ruptura do atual sistema brasileiro de filosofia – acerca da obra Da Dúvida. In: Vilém Flusser, Da Dúvida, 1ª ed. SP, É Realizações, 2018, p.145.

¹² Celso Lafer e Da Dúvida. In: Vilém Flusser, Da Dúvida, 1ª ed. SP, É Realizações, 2018.

¹³ Flusser, Vilém, A Filosofia da Caixa Preta, Hucitec, 1ª ed., São Paulo, 1985. Título original em alemão – Für eine Philosophie der Fotografie, Göttingen, European Photography, 1983.

¹⁴ Erik Felinto, VII Congresso Internacional de Comunicação e Cultura, nos 101 anos de Flusser, setembro de 2021. Disponível em <https://www.comcult.cisc.org.br/>

¹⁵ Flusser apud Leão in Bernardo e Mendes, Vilém Flusser no Brasil, Relume-Dumará, 2000:18, citado em Para ler Vilém Flusser de José Eugenio Menezes in Líbero – São Paulo – v. 13, n. 25, p. 19-30, jun. de 2010.

¹⁶ Maria Lília Leão, Introdução: Flusser e a liberdade de pensar ou Flusser e uma certa geração de 60. In: Ficções Filosóficas, São Paulo, Edusp, 1998, p. 10.

¹⁷ GULDIN, Rainer. Traduzir-se e retraduzir-se: a prática da escrita de Vilém Flusser. Tradução de Gustavo Bernardo e Gisele de Carvalho, 2002. Disponível em https://www.academia.edu/1441986/Traduzir-se_e_retraduzir-se_a_pr%C3%A1tica_da_escrita_de_Vil%C3%A9m_Flusser

¹⁸ “Le geste d’écrire”. Vilém Flusser, Le geste d’écrire. In: Flusser Studies, n. 8, may, 2009. Disponível em <http://www.flusserstudies.net/sites/www.flusserstudies.net/files/media/attachments/le-geste-d-ecrire.pdf>

¹⁹ A autora publicou tese recente sobre a forma dialógica na escrita flusseriana. Eva Batlickova. O drama Saul: diálogo como um princípio descentralizador na obra de Vilém Flusser. Tese apresentada a área de Língua hebraica, literatura e cultura judaicas. Departamento de Letras Orientais. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, 2019. Disponível em <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8158/tde-25062019-140952/pt-br.php>

²⁰ Flusser, Vilém. Bodenlos, uma autobiografia filosofia. São Paulo, Annablume, 1ª ed. 2007 (primeira edição foi publicada em alemão, em 1992, logo após a morte de Flusser).

²¹ Para um panorama recente, ver: (a) a edição 268, abril 2021 da Revista Cult, dossiê sobre a história da filosofia no Brasil; a edição 272, agosto 2021 da Revista Cult com especial sobre a trajetória do filósofo Paulo Arantes e a sua audição de lançamento <https://www.youtube.com/watch?v=ibRwunn1aFw>; (b) os debates na Associação Nacional de Pós Graduação em Filosofia – ANPOF <https://anpof.org/busca?busca=FILOSOFIA+NO+BRASIL>; (c) o livro-referência de Ivan Domingues, Filosofia no Brasil, Legados e Perspectivas (2017); o livro exemplar de Antônio Braz Teixeira, A “Escola de São Paulo” (2016); (d) a recente audição (2021) com Paulo Arantes e Ivan Domingues na plataforma da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE, a propósito dos 100 anos de Lima Vaz e a filosofia no Brasil, <https://www.youtube.com/watch?v=IsaikL89hrA>; (e) ver também entrevistas concedidas por José Arthur Giannotti e Haroldo de Campos sobre a presença e legado de Flusser no ambiente brasileiro: <https://www.youtube.com/watch?v=Tllxfw9dcZk>. <https://www.youtube.com/watch?v=n7RqOVP1SRA&t=2294s>